

Desafios e perspectivas para a organização de charges

Challenges and perspectives for the organization of political cartoons

Thulio Pereira Dias Gomes

Alguma coisa

RESUMO: Este trabalho apresenta reflexões para os desafios e perspectivas para a pesquisa e atividade de organização do conhecimento a partir da charge. O objetivo é suscitar discussões sobre a organização e representação de charges. Apresenta a noção de charge e os elementos básicos desse desenho de humor. Caracteriza a charge como documento, a partir de princípios da análise documental em diálogo com teorias mais recentes da ciência da informação. Propõe desafios para a organização do conhecimento a partir da caracterização da charge como documento. Conclui sobre a necessidade de repensar os instrumentos e métodos para a organização e representação de charges.

PALAVRAS-CHAVE: Charge. Documento. Informatividade.

ABSTRACT: This article presents challenges and perspectives for research about political cartoon in knowledge scope. The aim is to outline challenges from a discussion of the organization and representation of political cartoons. It presents the notion of political cartoon and its basic elements. It characterizes the political cartoon as a document based on the principles of subject analysis in dialogue with more recent theories of information science. It proposes challenges for the knowledge organization based on characterization of political cartoon as a document. It concludes the need to rethink the instruments and methods for the organizing and represent political cartoons.

KEYWORDS: Document. Informativity. Political cartoon.

1 Introdução

O objetivo inicial era um estudo exploratório, mas quando iniciamos as reflexões sobre charge, não se tinha ideia dos problemas que viriam pela frente. Ao contrário da expectativa, os resultados foram bastante surpreendentes e instigaram reflexões posteriores que resultaram em projetos de pesquisa. Desde, então, já foram percorridos bons trajetos em busca de respostas sobre a organização e representação de charges. Porém, para cada resposta encontramos outras tantas perguntas. Tais questões têm-nos permitido propor desafios e perspectivas para a organização do conhecimento. Delineá-los, ou pelo menos alguns deles, é o objetivo deste artigo.

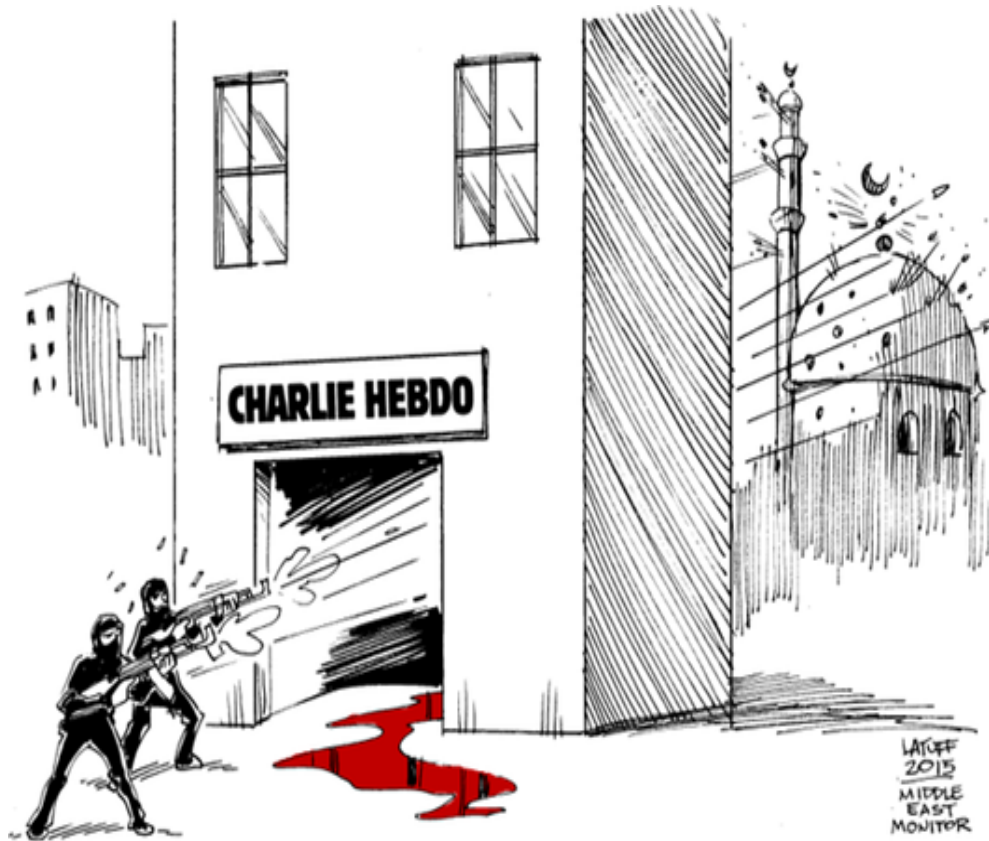
Na próxima seção, apresentamos a noção de charge e os elementos básicos desse desenho de humor. O capítulo segue com uma caracterização da charge como documento, a partir dos princípios da análise documentária em diálogo com teorias mais recentes. Em seguida, são propostos desafios para a organização do conhecimento a partir da caracterização da charge como documento. Por fim, são apresentadas as considerações finais seguidas das referências aos textos que fundamentaram este artigo.

2 A Charge

Antes de trazer à baila a discussão sobre os desafios e as perspectivas para a organização do conhecimento, é importante apresentar a charge. Não é incomum que confundam a charge com outros gêneros similares como o cartum e a caricatura. Para contribuir com a distinção entre um e outro serão apresentados aqui os principais aspectos essenciais desse gênero.

É possível dizer que a charge é um “gênero discursivo de uso híbrido das linguagens verbal e imagética, caracterizado pela temporalidade marcada pela sátira e pela crítica referentes a determinado evento, em geral de natureza política” (GOMES, 2013, p. 26-27). A figura 1 ilustra um exemplo de charge.

Figura 1: #CharlieHebdo attack has another victim!



Fonte: LATUFF, (2015)

A charge da figura 1 faz referência ao atentado à sede do jornal francês Charlie Hebdo, ocorrido em Paris, no dia 7 de janeiro de 2015¹. A hibridez de linguagem é perceptível na simultaneidade de códigos verbal e imagético. O verbal é perceptível no enunciado “Charlie Hebdo”. É importante sublinhar a complementaridade das linguagens, porque a compreensão da mensagem só é possível se forem levados em conta os dois códigos. Sem o enunciado verbal que identifica o jornal, o ataque dos personagens poderia ser contra qualquer prédio. A temporalidade marcada é observada na referência a um evento específico, isto é, o atentado à sede do semanário francês. A crítica e a sátira a esse evento são notáveis na marcação da opinião do chargista sobre o atentado,

¹ No dia 7 de janeiro de 2015, em Paris, a sede do jornal Charlie Hebdo foi alvo de um ataque terrorista. O atentado deixou doze pessoas mortas e onze feridas em estado grave. Entre as vítimas fatais, dez compunham a equipe editorial do jornal e os outros eram policiais que faziam guarda do local. Os chargistas e cartunistas do jornal Cabu, Charb, Georges Wolinks, Honoré e Tignous foram assassinados no atentado. O cartunista Riss foi ferido por um tiro no ombro. Os irmãos Saïd e Chérif Kouachi foram identificados pela polícia francesa como principais suspeitos de serem os homens armados e mascarados que realizaram o massacre no jornal francês. O motivo para o atentado teria sido o ódio extremo às charges em que figuram caricaturas de líderes islâmicos, inclusive Maomé, publicadas pelo jornal francês.

evidenciada, especialmente, no plano de fundo da charge.

3 Charge como documento

A caracterização da charge como documento pode se dar a partir de diversas abordagens. Uma das possibilidades é discorrer sob a ótica da organização do conhecimento. Dessa forma, optou-se por abordar na perspectiva da análise documentária, porque esta abordagem da organização do conhecimento privilegia o desenvolvimento de referenciais teórico-metodológicos para os processos de documentação. Destacamos, nessa abordagem, uma preocupação com a interferência do sujeito e com a linguagem do documento (CUNHA, 1990; GUIMARÃES, 2009). Embora tais aspectos estejam presentes em todos os documentos, no caso das charges, é impossível apagar a interferência do sujeito e da linguagem da charge.

Apesar de ser possível estabelecer seus processos gerais, a análise documentária sofre algumas influências de algumas variáveis. Lara (1993) identifica seis variáveis para a análise documentária: a) a estrutura do texto original; b) a informação bruta presente neste mesmo texto; c) o estado de sistematização metodológica e terminológica da área em questão; d) a instituição na qual o processo se desenvolve; e) o usuário da informação documentária; f) o estoque de conhecimento anterior do documentalista e sua formação ideológica.

Lara (1993) apresenta tal proposta em um contexto em que a documentação se preocupava, especialmente, com documentos técnico-científicos, sobretudo de linguagem textual. Este modelo não cobre a charge em suas características básicas. Para discutir a charge a partir dessa proposta, então, é necessário se valer de teorias mais recentes e fazer as devidas adaptações à charge. O esforço dessa adaptação é apresentado nos próximos parágrafos.

² Amarildo Dias de Souza (Rio de Janeiro, 1965/1966) é um ajudante de pedreiro que ficou conhecido por causa do seu desaparecimento no dia 14 de julho de 2013, após ser detido por policiais militares e conduzido da porta de sua casa, na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, em direção à sede da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) do bairro. Seu desaparecimento se tornou um símbolo dos casos de abuso de autoridade e de violência policial. A campanha “Onde está o Amarildo?” teve grande repercussão nas redes sociais e nos protestos de junho de 2013. Movimentos sociais nacionais e internacionais apoiaram a família de Amarildo e colaboraram na exigência de esclarecimentos da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ) sobre o caso. Os principais suspeitos pelo desaparecimento do pedreiro são da própria polícia.

A primeira variável, a estrutura do texto, apresenta limitações para o objeto em foco. A dimensão textual não abarca o contexto enunciativo da charge tampouco esgota o potencial de sua linguagem. Portanto, é necessário que esta variável seja adaptada a uma dimensão mais abrangente. A proposta de Gomes (2015) é que, em vez de estrutura textual, se fale em estrutura narrativa como variável da análise documentária da charge. Existem muitos modelos de estruturas de narrativa. Contudo, a sequência narrativa mínima já permite identificar a proficuidade dessa dimensão para a análise documentária de charge. De acordo com Adam, citado por Vieira (2011), o mais importante na sequência narrativa mínima é a passagem de um estado inicial para um estado final, havendo macroposições narrativas intermediárias que funcionam como elemento de garantia nessa transformação. Com esta ideia, Adam propõe um modelo mínimo de narrativa. A narrativa permite observar a temporalidade, ainda que estática, na charge e na charge se sustenta pela enunciação, pelo que é explicitamente enunciado ou pela indicação que o desenho oferece sobre o que aconteceu antes ou acontecerá depois da situação desenhada.

Figura 2: Onde está o Amarildo?



Fonte: LATUFF, (2013)

A charge da figura 2 se refere ao caso Amarildo², ocorrido no Rio de Janeiro, em 2013. Na cena estática, é possível identificar elementos da sequência narra-

tiva. Pode-se dizer que há um estado inicial que passa por uma transformação até chegar a um estado final. O estado inicial poderia ser a criança em casa, com seu pai. A transformação está na ação da polícia em levar o pai na viatura. O estágio final é a criança procurando pelo pai desaparecido. Observa-se que esta análise se baseia em uma estrutura narrativa mínima.

Uma contribuição que a dimensão narrativa traz para a análise documentária de charge é a possibilidade de se pensar em produção de sentidos. A identificação de todos os elementos na charge não é necessária para a construção da narrativa por aquele que vê a imagem. A charge da figura 2, por exemplo, tem sua referência ao caso Amarildo em, pelo menos, dois elementos: a legenda “Onde está Amarildo?” e a caricatura da viatura da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ). Sem esses dois elementos, sobretudo a legenda, esta charge poderia ser vista como cartum. Considerando-se as variações regionais de pintura de veículos utilitários, supõe-se que alguém, ao ver a imagem, poderia identificar o carro, por exemplo, como uma ambulância. Nessa situação, o sentido possível atribuído à narrativa seria outro bem diferente daquele a que se refere à charge, mas não menos possível. Dessa maneira, a charge surge como uma obra aberta (ECO, 1986), cujas possibilidades de uso devem ser consideradas na recepção pelo usuário do sistema informativo documental.

A estrutura narrativa da charge apresenta o problema referente à linguagem. Neste ponto, encontra-se um conflito entre a linguagem do documento e a do sistema informativo documental. De um lado, há uma linguagem sincrética e do outro, uma linguagem textual. Para representar a charge em um sistema informativo documental é necessária uma transcodificação, isto é, uma tradução de um código para o outro. Entretanto, não é possível falar de transcodificação sem considerar a inevitável perda semântica.

Como declara Foucault (1999), aquilo que se vê não se aloja no que se diz, por maior que seja o esforço de quem vê. Como afirma o filósofo, as palavras têm um lugar definido pelas sucessões da sintaxe. A informação documentária,

restrita ao código textual, não poderá jamais esgotar as possibilidades permitidas pelo sincretismo de códigos característicos da charge. As legendas, os resumos e os descritores não podem, portanto, dar conta do conteúdo da charge e dos demais documentos, tampouco das possibilidades de significações e de usos.

A limitação da linguagem da informação documentária não pode ser analisada apenas na perspectiva do documentalista. Com efeito, a análise documentária exigirá do indexador habilidades para traduzir a linguagem do documento para a linguagem do sistema. Contudo, na outra ponta do sistema, há também o usuário. Este sujeito deve possuir competências para tradução de sua necessidade de informação na linguagem do sistema. A recepção da informação documentária levanta uma questão sobre a estrutura narrativa da charge, pois o que o usuário pode ver não se restringe às sucessões da sintaxe das suas estratégias de busca no sistema informativo documental.

Nesse sentido, o conhecimento sobre a estrutura narrativa e de como se dá a produção sónica podem permitir a elaboração de estratégias para a análise documentária de charge. Inclusive, um modelo de estrutura narrativa de charge pode permitir a categorização de charge, cuja utilidade pode favorecer tanto o trabalho da documentação quanto da pesquisa em organização de charges. Assim, investigações sobre a estrutura da narrativa e sua aplicação na análise documentária surgem como possibilidades de favorecer o tratamento da charge em contexto de documentação.

A segunda variável são as informações brutas presentes na charge. Lara (1993) apresenta informação bruta como elementos referenciais no documento. Estas informações, então, se referem ao contexto de produção do documento. Em outras palavras, poderíamos dizer que as informações brutas dos documentos são “evidências de algum evento” (BUCKLAND, 1991, p. 352-353).

Wu (2013) reconhece que pode ocorrer falhas na identificação de conteúdos na charge devido às dificuldades de interpretação. Não se trata de uma tarefa simples a identificação de elementos do contexto enunciativo da charge. Como

exemplo, é possível imaginar a dificuldade que um documentalista brasileiro poderia enfrentar para reconhecer o cenário, os personagens e os objetos de uma charge produzida pela imprensa sindicalista francesa do início do século XX. Sem dúvida, a recuperação do contexto enunciativo é um grande desafio para análise documentária da charge. Porém, não se deve ignorar que os contextos de recepção e de uso também interferem na medida em que recontextualizam e ressignificam as mensagens da charge. Assim, é possível dizer que são necessários recursos teórico-metodológicos que favoreçam a recuperação desses contextos.

A terceira variável diz respeito ao usuário da informação documentária. É impossível abordar os usuários sem tratar de uso. Então, aqui ora falaremos de usuário ora falaremos de uso. Neste ponto, trazemos a questão sobre o que faz a charge ser informativa. Também é possível responder a essa questão sob diversas abordagens. Entre as possibilidades, recorreremos aos níveis de ser documento propostos por Rendón Rojas (2005). Assim, em um primeiro nível, haverá a charge em si, a charge para o outro e charge bibliotecológica (GOMES, 2015).

A charge em si, por exemplo, diz respeito à charge produzida como opinião crítica em alguma publicação de algum chargista ou de um editorial sobre determinado evento. A charge em si não tem intenção de se tornar documento. A informatividade da charge em si é a expressão da opinião do chargista sobre determinado evento por meio do gênero de opinião.

A charge para o outro adquire uma propriedade informativa a mais quando se torna objeto de análise para especialistas de determinado domínio. Por exemplo, neste nível, a charge pode ser utilizada por um historiador para identificar as críticas ao governo da República Velha.

É no último nível que a charge é inserida em uma rede que a razão desconhece (LATOUR, 2008). No terceiro nível, as charges individuais passam a ter vínculos com uma população de charges, tornando possíveis recuperações e relações antes improváveis. Essas relações se dão a partir do trabalho do pro-

fissional da informação na medida em que documenta o objeto. Parafraseando a discussão do antílope de Briet (1951, p. 7-8), no terceiro níveis que a charge é capturada, posta em um centro de documentação e feita um objeto de estudo.

A quarta variável é a terminologia. Swales (1990) apresenta a terminologia especializada como uma das características de uma comunidade discursiva. Lara (1993) sugere que a consistência terminológica é a evidência de sistematização de dada área, sendo assim, o documentalista, então, deve recorrer à terminologia da comunidade atendida pelo sistema informativo documental, a fim de propor descritores que mobilizem sentidos com base na linguagem dos usuários.

No caso das charges, é possível problematizar o fato de a charge ser atendida por comunidades de usuários diferentes. Essa variação influi, inclusive, sobre a própria denominação de charge, ocorrendo variação terminológica. Muitas vezes se confunde a charge com a caricatura e o cartum. Esta imprecisão é percebida até mesmo entre especialistas, como demonstram Teixeira (2005) e Gomes (2015). No entanto, há que se observar a limitação do signo linguístico, que jamais conseguirá esgotar as possibilidades da realidade objetiva e, neste caso, da linguagem sincrética e suas nuances da charge.

A quinta variável consiste na instituição que pode ser considerada como contexto geral onde ocorre a análise documentária (LARA, 1993). As organizações consistem em agrupamentos sociais instituídos para a realização de algum propósito previamente definido (HALL, 2004) e possuem missão, visão e objetivos que constituem em elementos do planejamento estratégico da instituição. Os recursos das organizações são dispostos para realizarem processos que resultaram em produtos e serviços. No contexto de nossa discussão, os diversos recursos dos sistemas informativos documentais são organizados para efetuação de processos de documentação de charges visando à obtenção e à oferta de produtos e de serviços de informação.

Por fim, a sexta e última variável é a formação e o quadro de referência do analista. Como elementos dessa variável é possível citar o conhecimento prévio, a

formação ideológica, o humor, as habilidades profissionais etcetera. Neste ponto, consideramos importante sublinhar a importância do conhecimento prévio do documentalista. Através de seu conhecimento prévio, o documentalista poderá, ou não, compreender e identificar as mensagens transmitidas pela charge. Além disso, também destacamos a importância da cumplicidade entre chargista, documentalista e usuário. Só é possível o riso da charge se há compartilhamento de posições políticas entre emissor e receptor das mensagens no desenho de humor (GAWRYSZEWSKI, 2008).

4 Desafios para organização de charges

A charge apresenta um problema complexo para a organização do conhecimento. A charge é um objeto eminente de interpretação, de linguagem sincrética e de forte relação com o seu contexto enunciativo. Todos esses fatores influenciam para a efetivação da mensagem e, portanto, devem ser observados durante os processos de organização do conhecimento.

A teoria e a prática da organização do conhecimento apresentam métodos eficazes e avançados para a recuperação de textos e de imagens. No entanto, a charge não é texto tampouco imagem, mas um objeto de linguagem sincrética. Assim, a charge demanda por um tratamento que dê conta das especificidades de sua linguagem. Além disso, a organização das charges deve considerar técnicas para a preservação de informações sobre os contextos de produção do documento.

À luz dessas questões, questiona-se sobre a possibilidade de um tratamento universal e atemporal da charge. Afinal, as construções de narrativa da charge podem ser múltiplas, variando conforme o receptor e o contexto de uso. Dessa forma, não acreditamos em uma solução única para a organização de charges. A proposta de um modelo heurístico, flexível e dinâmico para a análise documental de charge parece muito mais profícua para as possíveis necessidades

de adaptação aos diferentes contextos.

A partir da charge é também possível apresentar os limites da tradição da representação dos objetos artísticos. Questionamos a eficácia das práticas tradicionais de organização para a recuperação da charge e dos demais documentos de arte. Estas práticas, até mesmo quando se trata de representação temática, costumam estar focadas apenas em aspectos formais e físicos do documento (ØRUM, 2008). Com esta proposta de desafios, queremos engrossar o coro sobre a “necessidade de se construir modelos que reflitam de forma dinâmica e flexível as possibilidades existentes nas manifestações artísticas” (DE SANTIS; SOUZA, 2013, p. 11).

As matrizes teóricas da análise documentária têm sido profícuas para o avanço da compreensão da informatividade da charge para contribuir para a proposta de uma abordagem adequada para o tratamento documentário da charge (GOMES, 2013; 2015). Contudo, o modelo de variáveis da análise documentária da charge proposto em Gomes (2015) tem os limites do paradigma tradicional da ciência da informação, quando se pensava apenas em informação técnico-científica (ARAÚJO, 2014). Nesse sentido, é preciso avançar, por meio da interlocução, do debate bem como da cooperação em pesquisa para uma abordagem da organização do conhecimento “cujas ações não podem ignorar as diferentes necessidades e possibilidades de uso social da informação” (LARA, 2008, p. 1).

A noção de estrutura narrativa traz novos horizontes para a análise documentária, na medida em que permite avançar na compreensão da análise e da apreensão da informação nos documentos artísticos. Sabagg (2013) propôs o uso da estrutura narrativa para análise documentária de textos de ficção. A autora argumenta que a estrutura narrativa se apresenta como uma alternativa à análise de textos com estruturas mais livres como os romances. Há, porém, que aprofundar a interlocução com pesquisas que investiguem a estrutura narrativa de imagens e, em nosso caso, sua aplicação nas charges.

A noção de informação bruta, proposta em Lara (1993), por si só merece mais atenção em reflexões posteriores. Essa noção pressupõe a existência de informação objetiva no documento. Porém, fica a pergunta se há, efetivamente, informação objetiva nos documentos e, ainda que haja, questiona-se o espaço para a informação subjetiva além de discutir a informação como construção social. Tal noção permite também perguntar sobre a distância entre a informação e a experiência e sobre o quanto que aquela limita a segunda. Em outros termos, uma estrutura prévia de conhecimento pode limitar a experiência na medida em que reduz possibilidades de narrativas e de produção de sentido.

A análise das instituições e os sistemas informativos documentais devem ser objetos de análise, muito além de oferecer melhores condições para a usabilidade da informação. É necessário investigar como essas instituições e esses sistemas influenciam nas possibilidades corpóreas dos usuários. Em outras palavras, é necessário pensar em uma estética da informação intimamente relacionada a uma ética da informação, isto é, uma análise crítica das formas como as estruturas de poder são impostas aos corpos dos usuários ou vice-versa (CAPURRO, 1991).

Gomes (2015) apresenta alguns estudos que indicam que a charge pode ser encontrada, e não necessariamente recuperada, em alguns sistemas informativos documentais. Sugere-se uma investigação sobre os processos de organização e de recuperação de charge nessas diferentes instituições. Especialmente, propõe-se pensar em como a organização e a representação abrem aos usuários possibilidades e impossibilidades de recuperar as charges, considerando suas condições de informatividade. Levanta-se, também, a dúvida se os usuários e os documentalistas tomam consciência das condições do quanto as instituições e, particularmente, a organização do conhecimento é, ou não, um campo aberto para criação de si mesmos.

A neutralidade da atuação do profissional da informação é recusada faz algum tempo, não obstante ser uma ideia ainda presente em muitos, se não a maioria, bibliotecas, arquivos, centros de documentação e museus. Os argumen-

tos contra essa neutralidade são muitos. Contudo, quando o objeto em análise é a charge, as condições de imparcialidade e de neutralidade são insustentáveis.

Caracterizada pelo político e pela agressividade, a charge exige daquele que a vê um posicionamento, quer seja de cumplicidade quer seja de oposição. A interpretação da charge não dissimula imparcialidade. Nesse sentido, a charge pode ser um objeto profícuo para estudo de caso da interferência da formação ideológica na análise documentária.

5 Considerações Finais

A charge, assim como as imagens de modo geral, ainda enfrenta dificuldades para seu reconhecimento como fonte de informação e objeto de investigação científica. Este fato é estranho já que a humanidade medeia informações por meio de imagens há muito mais tempo que a escrita. As construções teóricas sobre imagens têm matrizes em teorias da escrita, mas ainda estamos longe de uma ciência das imagens, como reconhece Teixeira (2005). Todavia, como enfatiza Sgarbi (2007, p. 27), “uma imagem vale uma imagem. Mil palavras valem mil palavras”. Então, se o desejo é trazer as imagens para o laboratório e para os centros de documentação, são necessários novos instrumentais. Falando-se de charge, articulada pelo sincretismo de linguagens, os instrumentais ainda terão que ser outros.

Dado o poder que pode assumir como instrumento poderoso para intervir na realidade, para reproduzir discursos e para educar uma população, a charge deve ser objeto de atenção por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. Situado no domínio da ciência da informação, este trabalho não apenas procura contribuir para o avanço na compreensão sobre as charges enquanto objeto informativo, mas também para o desenvolvimento de sistemas de recuperação que favoreçam o uso das charges pelas investigações na academia e pela sociedade como um todo.

Referências

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Fundamentos da ciência da informação: correntes teóricas e o conceito de informação. *Perspectiva em gestão & conhecimento*, João Pessoa, PB, v. 4, n. 1, p. 57-79, jan./jun. 2014.

BRIET, S. *Qu'est-ce que la documentation?* Paris: Éditions Documentaires Industrielles et Techniques, 1951. 48p. Disponível em: <<http://martinetl.free.fr/suzannebriet/questcequeladocumentation>> Acesso em: 05 jan. 2015.

BUCKLAND, Michael K. Information as thing. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991.

CAPURRO, Rafael. Foundations of information science: review and perspectives. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON CONCEPTIONS OF LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE, Finland, 1991. *Proceedings...* Tampere: University of Tampere, 1991.

CUNHA, Isabel Maria Ribeiro Ferin. *Do mito à análise documentária*. São Paulo: EDUSP, 1990. (Teses, 11).

DE SANTIS, Rodrigo; SOUZA, Rosali Fernandez. A indefinição é o regime: a classificação das canções populares em gêneros musicais. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DA SOCIOLOGIA ALAS, 29, 2013, Santiago do Chile. *Acta Científica...*, 2013. Disponível em: <http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT32/GT32_DeSantisRFernandezDeSouza.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2015.

ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. Tradução de Giovanni Cutolo. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma. *Domínios da Imagem*, Londrina, PR, v. 1, n. 2, p. 7-26, maio 2008.

GOMES, Thulio Pereira Dias. *A charge é o assunto: análise documentária de charge*. 2015. 170 p. Dissertação – (Mestrado em Ciência da Informação). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.

GOMES, Thulio Pereira Dias. *Temas e questões em análise documentária de charge*. 2013. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso – (Graduação em Biblioteconomia). Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

GOMES, Thulio Pereira Dias; GUEDES, Vânia Lisboa da Silveira; SANTOS, Maria José Veloso da Costa. Interferências dos contextos de produção e de uso na análise documentária de charge. In: RIBEIRO, Fernanda; CERVEIRA, Maria Elisa (Orgs.). *Informação e/ou conhecimento: as duas faces de Jano*. Porto [Portugal]: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2013a. p. 245-263.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Abordagens teóricas de tratamento temático da informação: catalogação de assunto, indexação e análise documental. *Ibsersid: revista de sistemas de información y documentación*, Zaragoza [Espana], v. 3, p. 105-117, 2009.

HALL, Richard H. *Organizações: estruturas, processos e resultados*. Traduzido

por Wilma Ribeiro. 8. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. A representação documentária: em jogo a significação. 1993. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. Informação, informatividade e lingüística documentária: alguns paralelos com as reflexões de Hjørland e Capurro. *Datagramazeiro: revista de ciência da informação*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 6, Artigo 01, dez. 2008.

LATOUR, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian. *O poder das bibliotecas: a memória dos livros do Ocidente*. Tradução de Marcela Moura. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

LATUFF, Carlos. Onde está o Amarildo?. 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/realcarloslatuff/>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

LATUFF, Carlos (LatuffCartoons). «Please, RT! #CharlieHebdo attack has another victim! Via @MiddleEastMnt #ParisShooting ». 7 jan. 2015, 13h21m. Tweet.

RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel. Bases teóricas y filosóficas de la bibliotecología. 2. ed. México: UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 2005.

SABAGG, Deise Maria Antonio. Análise documental em textos narrativos de ficção: subsídios para o processo de análise. 2013. 160 f. Tese (Doutorado em ciência da informação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho. Marília, SP, 2013.

SGARBI, Paulo. Uma imagem vale mais do que mil palavras?. *A página da educação*, Porto [Portugal], n. 174, p. 24-25, jan. 2008.

SWALES, John. Malcolm. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. Sentidos do humor, trapanças da razão: a charge. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2005. (Coleção FCRB, Série Estudos, 2).

VIEIRA, André Guirland. Do conceito de estrutura narrativa à sua crítica. *Psicologia: reflexão e crítica*, Porto Alegre, RS, v. 14, n. 3, p. 599-608, 2001.

WU, Yejum. Indexing historical, political cartoons for retrieval. *Knowledge organization* Frankfurt [Germany], v. 40, n. 3, p. 283-294, 2013.

ØRUM, Ander. Knowledge organization in the domain of art studies: history, transition and conceptual Changes. *Knowledge organization*, Frankfurt [Germany], v. 30, n. 3-4, p. 128-143, 2003.